

A Guerra da Ucrânia como valor-notícia: uma análise da cobertura do conflito no Jornal Nacional

Adrienne Magalhães de Queiroz Teles Gomes
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RIO
Departamento de Comunicação - Bacharelado em Jornalismo¹

Resumo

A proposta deste artigo é analisar 26 edições do Jornal Nacional durante o primeiro mês da guerra entre Rússia e Ucrânia, com destaque a 191 reportagens sobre o conflito veiculadas no período a fim de entender a estrutura e a organização do telejornal, ou seja, como esta cobertura mobilizou profissionais e o programa e que leitura da guerra pôde ser depreendida a partir do que foi veiculado. Utilizamos como referenciais teóricos os conceitos de critério de noticiabilidade e valor-notícia em Nelson Traquina (2005), o jornalismo internacional a partir da contribuição pioneira de Galtung e Ruge (1999), e os conceitos de objetividade e imparcialidade em Nilson Lage (2001). Concluímos que a guerra tem um alto grau de noticiabilidade, que diminui conforme o conflito perde a excepcionalidade, e que predominou uma visão americana e europeia na cobertura.

Palavras-chave: Jornalismo Internacional; Valor-notícia; Televisão; Guerra; Jornal Nacional

1. Introdução

A curiosidade humana e a busca pelo lucro estão ligadas à origem dos periódicos (PEUCER, 2004) e ajudam a entender a evolução dos jornais e da produção de conteúdo nos dias de hoje. As guerras, os embates entre povos, as vidas perdidas, a razão de um conflito, o desenrolar e as consequências de uma batalha sempre chamaram a atenção das pessoas (BORGES, 2005). Traquina (2005) traz a questão da noticiabilidade e do valor-notícia dentro do jornalismo e mostra que, segundo historiadores como Mitchell Stephens², as guerras, a calamidade e a morte são

¹ Artigo derivado de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Jornalismo, orientado pela professora Carmem Petit, entregue em dezembro de 2022.

² Para falar sobre os valores-notícia e a variação em três épocas diferentes, Traquina usa citações e pensamentos do historiador e autor do livro *A history of news* (1988), Mitchell Stephens. O pensamento

assuntos que a humanidade constantemente tem interesse, constituem, portanto, um valor-notícia.

A cobertura jornalística de conflitos bélicos tem se adaptado a mudanças tecnológicas, que influenciam o trabalho do jornalista e algumas guerras como a da Criméia e a do Vietnã, por exemplo, foram excepcionalmente importantes para o processo de maturação e transição do jornalismo internacional de guerra (BORGES, 2005; LIMA E SILVA, 2006).

Entre os confrontos citados anteriormente, o primeiro a realizar esta aproximação para o que estamos familiarizados, hoje, foi a Guerra da Criméia³ (1854-1856). Foi nela que apareceu pela primeira vez o serviço de um repórter civil para reportar à população os bastidores e o desenrolar de um confronto. Ou seja, foi aí que apareceu pela primeira vez o correspondente de guerra (BORGES, 2005; LIMA E SILVA, 2006).

O trabalho de um correspondente é importante para trazer uma visão mais direta e urgente sobre o que acontece durante a guerra, pois antes de os jornalistas estarem presentes nos campos de batalha, as fontes que traziam notícias do front eram oficiais, ou seja, muitas vezes portadoras de informações parciais e que poderiam sofrer previamente algum tipo de censura. Eram informações filtradas apenas por um lado do conflito, sem obedecer a regras claras pré-determinadas, como no caso do jornalismo. A presença do correspondente profissional, portanto, deu possibilidade à população de compreender, pensar, opinar e muitas vezes até intervir de uma forma mais direta sobre o fato (BORGES, 2005).

Além disso, a presença do jornalista no local como testemunha ocular do acontecimento diminui a quantidade de fases na cadeia de comunicação noticiosa, ou seja, reduz profissionais e etapas desde o acontecimento até a veiculação em algum meio de comunicação. Contudo, nem sempre é possível ter alguém no campo de batalha, e o veículo de imprensa recorre, então, aos serviços de uma agência noticiosa estrangeira, com orientações próprias e padronizadas sobre a abordagem do tema. Ou seja, no lugar de um processo mais direto em que o

do historiador auxiliou Traquina a elaborar e a estruturar seu pensamento sobre o critério de noticiabilidade.

³ A Guerra da Criméia foi um conflito entre o Império Russo e a Aliança Anglo-Franco-Sarda (Reino Unido, França e Piemonte-Sardenha; atual Itália), que se estendeu de 1853 a 1856, na península da Criméia, no sul da Rússia e nos Bálcãs.

jornalista testemunha e reporta um fato que passará ainda pelo enquadramento/filtro de um editor e depois do veículo de comunicação, a notícia será inicialmente construída da mesma forma, entretanto, a publicação será enquadrada por profissionais de uma agência, que comercializará o conteúdo e será novamente enquadrada, de diferentes maneiras, por profissionais de diferentes veículos e países. Claro que esta é uma simplificação de todo o processo, entretanto, é importante ter o caminho em mente.

O que vemos na televisão e nos telejornais sobre as guerras e os assuntos internacionais é baseado, de acordo com Galtung e Ruge (1999), na imagem da realidade internacional, moldada pelos canais de informação e com influência das impressões e contatos pessoais. A relação com o estrangeiro e a visão nacional e pessoal sobre o estrangeiro impacta diretamente na maneira como a informação é passada e como o espectador vai provavelmente compreender o ocorrido. No Brasil, os telejornais têm diversas linhas editoriais e isto faz com que a mesma guerra seja noticiada de modo distinto dependendo do telejornal, ainda que a construção da notícia obedeça a regras comuns aprendidas pelos jornalistas.

Passadas cinco décadas desde sua estreia em 1969, o Jornal Nacional (JN), da TV Globo, ainda é referência no telejornalismo brasileiro e o telejornal mais assistido pela população. De acordo com dados de audiência do instituto Kantar Ibope Media, entre 31 de outubro e 6 de novembro de 2022, o Jornal Nacional acumulou um total de 34,5% COV⁴ nas 15 praças⁵ analisadas. O número é bastante elevado em comparação aos outros telejornais que também ocupam o espaço do horário nobre nas outras emissoras, em que o COV mais alto é 18,8%.

Este trabalho pretende analisar a cobertura jornalística do Jornal Nacional durante o primeiro mês da guerra entre Rússia e Ucrânia, conflito iniciado oficialmente a partir da invasão da Ucrânia pela Rússia em 24 de fevereiro de 2022. O JN foi escolhido exatamente pelo alcance e por ter maior audiência em comparação com os outros telejornais, ou seja, ele impacta uma quantidade maior de lares e, por

⁴ De acordo com Kantar Ibope Media o COV Individual (Cov%) é o alcance acumulado, ou seja, o percentual de pessoas que foram impactadas pelo programa. O parâmetro COV foi escolhido, pois é possível ter uma visão mais ampla sobre a audiência.

⁵ A divisão em praças realizada pelo Kantar Ibope Media tem como objetivo refletir o consumo de TV no país com base na verificação demográfica. Os 15 mercados equivalem a 258.821 domicílios e 713.821 indivíduos. Eles representam a audiência nacional, a partir de medições nas seguintes regiões: Grande São Paulo, Grande Campinas, Grande Rio de Janeiro, Grande Belo Horizonte, Grande Vitória, Grande Porto Alegre, Grande Curitiba, Grande Florianópolis, Grande Goiânia, Distrito Federal, Grande Salvador, Grande Fortaleza, Grande Recife, Grande Belém e Manaus.

consequência, mais pessoas. Em grandes acontecimentos mundiais, na maioria dos países, as pessoas ainda recorrem principalmente aos noticiários da TV. No Brasil, 40% das pessoas acompanharam o desenrolar do conflito pela televisão (EDDY; FLETCHER, 2022). Nossa análise será feita a partir das edições do dia 24 de fevereiro até o dia 25 de março, e serão observadas a abordagem e a construção das 191 reportagens que foram transmitidas, a fim de entender a "narrativa" criada durante este primeiro mês do conflito.

Selecionamos para esta pesquisa o momento inicial da guerra, pois a invasão militar lançada pela Rússia foi o estopim de um conflito iniciado em 2014, ou seja, já havia uma tensão crescente na região. No final de 2021, a Rússia começou a colocar tropas na fronteira chamando atenção de diversos países e organizações. Além disso, o confronto atingiu todo o mundo de maneiras diferentes. Ainda em 2021, mais precisamente no dia 7 de dezembro, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, ameaçou o presidente russo Vladimir Putin com sanções econômicas em caso de invasão da Ucrânia (APARECIDO; AGUILAR, 2022). Por mais que o conflito direto fosse entre Rússia e Ucrânia, outros países tinham interesse nos desdobramentos da guerra, sobretudo os Estados Unidos.

Para este trabalho foi adotada como procedimento metodológico a revisão bibliográfica a fim de analisar a cobertura da guerra de 26 edições do Jornal Nacional. Nossa intenção é observar como a notícia foi organizada no programa e que leitura da guerra pode ser depreendida a partir do que foi veiculado. Como referenciais teóricos, consideramos importantes os conceitos de critério de noticiabilidade e valor-notícia trazidos por Nelson Traquina (2005), além das contribuições dos dinamarqueses Galtung e Ruge (1999), cujos estudos foram pioneiros e são referência ainda hoje para a pesquisa sobre jornalismo internacional. Fundamentais ainda são os conceitos de objetividade e imparcialidade em Nilson Lage (2001) para pensarmos o trabalho jornalístico durante o processo de coleta de dados, apuração e desenvolvimento do texto.

Na primeira parte, buscamos trazer à discussão o processo de construção da notícia, em seguida, analisamos o jornalismo internacional e como são captadas as notícias e como os correspondentes trabalham no exterior. Na última parte, analisamos mais detidamente a construção das notícias sobre o conflito entre Rússia e Ucrânia no Jornal Nacional.

2. O fato como notícia

Ao estruturar um telejornal, o jornalista precisa decidir quais acontecimentos vão se tornar ou não notícia, e o que ficará de fora. Isto ocorre porque toda notícia nasce de um fato, porém nem todo acontecimento é notícia, e por esta razão se torna necessário separar e escolher, dentro da infinidade de acontecimentos cotidianos, quais se destacam e vão interessar ao público (SILVA, 2006). Traquina (2005) afirma que os conteúdos dos *media* noticiosos apresentam uma previsibilidade, um "padrão" definido a partir de critérios de noticiabilidade.

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possui um valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo "valor-notícia" ("*newsworthiness*") (TRAQUINA, 2005, p. 63).

Os valores-notícia norteiam todo processo de construção da notícia (produção, seleção e elaboração). A morte, a notoriedade (importância dos envolvidos), a proximidade com a realidade em termos geográficos e principalmente culturais, a relevância (eventos importantes que têm algum impacto na realidade das pessoas), a novidade, o fator tempo, a notabilidade (acontecimentos que são facilmente percebidos), o inesperado e o conflito ou a controvérsia são alguns exemplos de valores-notícia (TRAQUINA, 2005). A partir deles, cabe ao jornalista selecionar o que deve ser realçado, o que é melhor ser omitido e qual a informação mais importante (ELLIOT; GOLDING, 1979, apud SILVA, 2006). Para Traquina (2005), os valores-notícia "servem de 'óculos' para ver o mundo e para o construir" (2005, p. 94).

O jornalismo pressupõe que uma forma de entender e decidir o que é notícia é ter a "normalidade" como ponto de referência fundamental. Sendo assim, é possível dizer que quando ocorre uma ruptura desta "normalidade", o acontecimento tem chance de conquistar um espaço na agenda jornalística. Ainda assim é necessário ter em mente que os valores-notícia são mutáveis e levam em conta aspectos como as mudanças históricas de uma época, a localidade e as políticas editoriais (TRAQUINA, 2005).

Isto posto, o profissional deve estar atento à linha editorial de cada meio de comunicação, porque detalhes como público-alvo, ideologia do veículo e o perfil influenciam diretamente essas escolhas. A divergência entre os veículos de comunicação faz com que as informações a serem priorizadas para ir a público sejam diferentes, pois desta forma é mais fácil delimitar o que é mais interessante para quem está lendo ou assistindo (ALMEIDA, 2017).

Galtung e Ruge (1999) destacaram que "uma vez que não podemos registrar tudo, temos de fazer uma seleção e a questão é saber o que chamará mais atenção" (GALTUNG; RUGE, 1999, p. 97). Em seus estudos, eles especificam 12 condições que um acontecimento deve satisfazer para se tornar notícia, ou seja, os valores-notícia. Os tópicos foram escolhidos a partir de uma percepção psicológica do senso comum transportada para a busca de um acontecimento. São eles: 1) Frequência; 2) Amplitude (quanto maior a amplitude, melhor será a audição); 3) Equivocidade (quanto mais claro e inequívoco, mais provável a audição); 4) Significância (proximidade cultural, relevância); 5) Consonância ("predictabilidade", exigência); 6) Imprevisibilidade (inesperado, escassez); 7) Continuidade; 8) Composição; 9) Referência a nações de elite (importância); 10) Referência a pessoas de elite; 11) Referência a pessoas; 12) Referências a algo negativo (quanto mais negativo o acontecimento e as consequências mais satisfazem o critério de frequência).

Quanto mais desses critérios os acontecimentos satisfizerem, maior a possibilidade de serem escolhidos na seleção e se enquadrarem como fatos relevantes (GALTUNG; RUGE, 1999). Uma guerra, por exemplo, como a da Ucrânia e Rússia, satisfaz os requisitos de frequência, significância, relevância, imprevisibilidade, continuidade, importância e, finalmente, referência a algo negativo. Ainda que a maioria das pessoas permaneça muito engajada, pois as notícias negativas têm uma alta noticiabilidade, o que garante sua maior frequência no noticiário, a audiência pode se distanciar do noticiário justamente por entender que carrega alto teor negativo. De acordo com o Digital News Report 2022, pesquisa realizada pelo Reuters Institute, antes de a guerra entre Rússia e Ucrânia começar, o número de brasileiros que dizia limitar a exposição a certos tipos de notícias dobrou desde 2017 (passou de 27% para 54%). Uma das justificativas apontadas é que elas têm um efeito negativo no humor (36%) (EDDY; FLETCHER, 2022; NEWMAN, 2022).

Gans (1979) aponta que os critérios escolhidos para a seleção de notícias pelos jornalistas devem ser facilmente aplicáveis, pois este é um processo rápido de

escolha e decisão. Como existe uma variedade de acontecimentos disponíveis, facilitar a reflexão destes critérios auxilia os jornalistas a garantirem uma melhor eficiência, tomando as decisões mais rapidamente e não tendo muita dúvida sobre as escolhas na hora de montar a notícia.

As notícias podem ser enquadradas por critérios de intensidade. As chamadas *soft news* são consideradas matérias leves e frias e incluem notícias sobre entretenimento; curiosidades; conhecimento e raridades (JOHNSON, 2015), além de acontecimentos programados ou sazonais, como votações, inaugurações, início do ano letivo ou vendas de fim de ano, por exemplo; podem conter eventos continuados que muitas vezes impactam diretamente o leitor (greves, festas, trânsito); desdobramentos de fatos que geram interesse como investigações ou repercussões de medidas econômicas; ou por fim fatos constatados por observação (ciclos de moda, recuperação de zonas urbanas...) (LAGE, 2001, p. 17). Já as *hard news* se destacam pela excepcionalidade e por seu efeito mais urgente. Normalmente envolvem assuntos de impacto, conflito, polêmica, proximidade, governo, tragédia/drama, surpresa e justiça. O inesperado certamente vai se tornar uma notícia (TRAQUINA, 2005; JOHNSON, 2015). Sendo *soft* ou *hard news*, as pautas são escolhidas a partir de uma visão editorial que preza pelo fator gerador de interesse (LAGE, 2001). Uma frase clássica do jornalista John B. Bogart, no século XIX, exemplifica perfeitamente o valor-notícia: "se um cachorro morde um homem, não é notícia, se um homem morde um cachorro, é" (ALMEIDA, 2017).

Quando falamos em selecionar, decidir o que falar e o que não falar é muito difícil não esbarrar em conceitos como a ideia de neutralidade e na função do jornalista. No início do jornalismo clássico, os ideais de objetividade e imparcialidade chegaram ao jornalismo com a apuração e a checagem dos fatos. Eles foram importantes para dar à profissão o status de confiável e para ser aceito mais facilmente na sociedade (ALMEIDA, 2007). De acordo com Lage (2001), "a informação jornalística deveria reproduzir os dados obtidos junto às fontes, que os testemunhos de um fato deveriam ser confrontados uns com os outros para obter a versão mais próxima possível da realidade" (2001, p. 8).

Para Sá (1980), a parcialidade é a limitação natural do jornalista por ser impossível captar o fato em si, isto não significa, entretanto, que, ao relatar um acontecimento, ele invente fatos. Com isso, a notícia que o público recebe não é o

fato propriamente dito, é uma codificação do jornalista sobre o fato, ou seja, é o fato transformado em notícia pelo jornalista.

... ao contrário de qualquer máquina, agentes humanos, como os repórteres, têm sua própria tendenciosidade. Construíram, ao longo da vida, uma série de crenças e padrões de comportamento que nem sempre se adaptam à tarefa que executam e, principalmente, às intenções daqueles que estão representando, isto é, os leitores (LAGE, 2001, p. 10).

Tal parcialidade pode se manifestar também na cobertura internacional e ser influenciada ainda por diferenças culturais e de idiomas. Essa parcialidade, que não deve se confundir com intencionalidade, ganha camadas de complexidade quando o repórter precisa relatar histórias em um país desconhecido ou pouco conhecido para ele, quando o repórter trabalha pensando em uma cobertura que será veiculada em diferentes países, quando um editor seleciona e remonta um material adquirido de uma agência estrangeira, e assim por diante.

3. A cobertura da guerra e o correspondente

A cobertura de acontecimentos em âmbito internacional faz parte do jornalismo, principalmente tendo em vista que vivemos em uma sociedade globalizada que consome diariamente uma quantidade enorme de informação, vinda de todos os lugares. Saber o que acontece no mundo ficou muito mais fácil na era da tecnologia e da informação, e é papel do jornalismo internacional trazer informações para as pessoas sobre o que impacta e o que ocorre globalmente. As novas tecnologias criaram a possibilidade de se conectar com pessoas de outros países e trouxeram vantagens ao jornalismo com esta facilidade de interconexão (CASTRO, 2006).

No jornalismo internacional, a guerra é uma das pautas mais recorrentes e tem, na maioria das vezes, a atenção de todos os meios de comunicação, principalmente da televisão. A guerra reúne dois elementos com alto valor-notícia (conflitos e envolvimento de nações de elite) capazes de chamar a atenção do espectador mesmo que não esteja muito próximo culturalmente. (GALTUNG; RUGE, 1999; BRITTO, 2003). Algumas guerras foram extremamente importantes para moldar o jornalismo e a cobertura jornalística como nós a conhecemos hoje. Determinados aspectos, como a maneira como os meios de comunicação têm acesso aos

acontecimentos, o que irá se tornar notícia, a rapidez da informação e a cobertura da guerra como um todo precisaram se adaptar a novas demandas (SILVA, 2006; BORGES, 2005).

Como as guerras são acontecimentos polêmicos recorrentes e provavelmente continuarão a existir por muitos séculos, as emissoras e os veículos de comunicação produzem um "espetáculo" para o telespectador. Os telejornais fazem uso do ao vivo, das imagens e dos repórteres *in loco* para garantir uma cobertura "completa" do confronto. Muitas vezes os veículos transmitem as notícias e atualizações do conflito intensamente, pois "as expectativas, o ar de ansiedade e de uma possível reviravolta no decorrer dos fatos conferem um grau de tensão dificilmente alcançado com outros acontecimentos" (BRITTO, 2003, p. 5).

Ao analisarem a estrutura do noticiário estrangeiro, Galtung e Ruge (1999) perceberam que a cadeia de comunicação noticiosa traz os acontecimentos do mundo a partir de uma percepção dos *media* que criam uma imagem sobre o ocorrido. Esta cadeia pode variar de tamanho dependendo de quantas etapas tiver, desde o jornalista que está no país estrangeiro emissor da notícia até o editor que publicará a matéria em um jornal específico. Como são assuntos trazidos de fora do país onde a notícia é divulgada e, muitas vezes, os redatores são nacionais, a narrativa criada carrega impressões características do local e modela a imagem internacional. Isto quer dizer que existe uma percepção que influencia.

Existem formas diferentes para os veículos de comunicação conseguirem informações sobre o que acontece fora do país. Os meios de comunicação de grande porte, principalmente a televisão e os jornais, muitas vezes investem em profissionais próprios para captar a informação. Este fluxo pode ser feito por repórteres que foram enviados pelas editorias, para cobrir um fato específico ou, em outros casos, os jornais já têm jornalistas, correspondentes internacionais, em diferentes locais no exterior, e quando é necessário estes representantes são acionados por já estarem mais próximos (CASTRO, 2006; AGNEZ; MOURA, 2015).

É comum que correspondentes internacionais instalados em um país específico definam as próprias pautas e deem sugestões de assuntos que sejam interessantes para o país de origem. Isto ocorre pela proximidade do repórter com a realidade local. O antropólogo Ulf Hannerz⁶ define o correspondente internacional

⁶O antropólogo sueco Ulf Hannerz escreveu o livro *Foreign news: Exploring the world of foreign correspondents*, no qual faz uma busca sobre os correspondentes estrangeiros, quem são, o que fazem

exatamente como um repórter que está fixo em um determinado lugar do mundo, que tem como principal função "alimentar" seu veículo de origem com notícias. Outra maneira de entender o papel do profissional é compreendê-lo como um mediador e tradutor de culturas (AGNEZ; MOURA, 2015).

Há veículos noticiosos que não dispõem de verba para manter um profissional próprio em outro país ou tampouco para enviar em situações pontuais como uma guerra. Por conseguinte, recorrem ao material de outras empresas jornalísticas que mantêm escritórios em diversos países e são especializadas em fornecer informação a qualquer veículo de mídia do mundo (CASTRO, 2006). As agências de notícia comercializam imagens, entrevistas e informações.

Por mais que existam repórteres correspondentes trabalhando em agências de notícias, há diferenças entre o trabalho desses profissionais e daqueles que são contratados diretamente por empresas. Uma agência de notícias funciona como uma multinacional de informações, cuja principal função é comercializar o produto-notícia sem um perfil de cliente definido. Elas buscam atender a jornais, revistas, televisões e sites ao redor do globo, por isso focam em um público abstrato e homogêneo, sendo muitas vezes padronizados e tentando não ter um ponto de vista ideológico que ataque um possível "cliente" (CASTRO, 2006).

Já o correspondente internacional que trabalha para um veículo específico tem uma busca mais pessoal. Isso ocorre porque ele tem uma língua, cultura e situação sociopolítica definida, e muitas vezes o mesmo olhar para os fatos que seu país e o jornal para o qual trabalha (CASTRO, 2006).

[...] apesar de toda essa imersão na cultura e nos hábitos da localidade onde vive, (o correspondente) não deve perder o referencial do próprio país e nem mesmo o olhar estrangeiro, capaz de observar os fatos numa perspectiva mais conjuntural e menos interna. Logo, é importante manter certo "frescor no olhar", de quem acaba de chegar a um novo lugar (AGNEZ; MOURA, 2015, p. 42).

A presença do repórter no centro do acontecimento faz diferença no jornalismo internacional, pois é o jornalista quem ordena, relaciona, escolhe as palavras que vão ser usadas adequando o ocorrido à compreensão do público, trazendo o que é do interesse e o que há de importante para a comunidade. Ou seja: "o que o leitor (público) toma e recebe como notícia não é o fato em si; é o acontecimento

e como podem ser caracterizados. Além disso, ele compara as formas como os correspondentes e os antropólogos relatam de uma parte do mundo para outra, isto é, identificam aspectos e relatam.

'vivenciado' pelo jornalista ou, em outras palavras, é a consciência do jornalista que chega à consciência do leitor" (SÁ, 1980, p.8). O repórter está onde o espectador, leitor ou ouvinte não pode estar, ele é muitas vezes os olhos e ouvidos do público. Com isso, é quem escolhe o que transmitir e o que é relevante (LAGE, 2001).

Normalmente, o repórter que se torna correspondente estrangeiro é reconhecido por sua experiência como profissional e, muitas vezes, é considerado um dos mais brilhantes da profissão (AGNEZ; MOURA, 2015). Além disso, o correspondente internacional tem uma especialização ampla, pois a editoria internacional não é considerada um jornalismo especializado (cultura, política, economia, etc). Com isso, é necessário saber lidar com vários tipos de matéria e uma gama ampla de assuntos (BRITTO, 2003).

No início das coberturas de guerras, soldados-correspondentes eram usados, ou seja, oficiais ou suboficiais militares "contratados" pelos editores para enviarem cartas e anúncios oficiais sobre o que estava acontecendo na frente de combate (SILVA, 2006; BORGES, 2005). Na maioria das vezes, as informações não eram suficientes e satisfatórias, porque existia uma enorme censura militar. Foi, então, que durante a Guerra da Criméia apareceu o primeiro repórter civil a fazer a cobertura de uma guerra. O irlandês William Howard Russell foi o "pai" dos correspondentes de conflitos internacionais.

Ao contrário dos soldados-correspondentes, que "encaravam a si mesmos primeiramente como soldados e só depois como correspondentes" (BORGES, 2005, p. 55), o novo profissional entende o funcionamento de um jornal e tem consciência do que constitui uma notícia (SILVA, 2006). Além de saber como é a dinâmica de um veículo noticioso, ele sabe o que tem valor-notícia e compreende a melhor forma de trazer o assunto. O correspondente, ao contrário do soldado, tem um "olhar estrangeiro", isto é, ele enxerga o que está acontecendo com uma visão e contextualização do seu país de origem. Isto faz com que a forma com que ele transmite a notícia seja mais próxima do leitor e da realidade para onde a informação será divulgada. Estes são alguns dos fatores que tornam a figura do correspondente de guerra em um conflito internacional tão importante (CASTRO, 2006). Ao relatar sua experiência de cobrir o primeiro combate, Arnett (1994) cita um folheto intitulado "Algumas sugestões sobre luta para guerrilha", em que leu que "a ideia principal da cobertura jornalística de uma operação é voltar com a reportagem e as fotos e não brincar de soldado" (ARNETT, 1994, p. 85).

Ao comparar as Guerras do Golfo, do Afeganistão e do Iraque, Pereira (2005) observou as transformações ocorridas nas coberturas do ponto de vista tecnológico, de produção de conteúdo e na atividade profissional, do final do século XX para o início do XXI. Na Guerra do Golfo (1990-1991), a grande novidade tecnológica foi a transmissão ao vivo, na do Afeganistão (2001-2021), entraram em cena os celulares e modernos computadores; já na Guerra do Iraque (2003-2011), destaque para os celulares via satélite e para os computadores portáteis. Com relação ao conteúdo, na Guerra do Golfo, a rede de TV americana CNN foi a única a permanecer no local do conflito; na Guerra do Afeganistão, o surgimento da emissora de TV do Catar, Al Jazeera, fez frente à hegemonia das informações das agências de notícias e veículos estadunidenses; na Guerra do Iraque, apareceram os repórteres que acompanhavam as tropas no front (repórteres embedded). Quanto às atividades profissionais, na Guerra do Golfo, os repórteres entravam ao vivo, mas não estavam no front militar; na Guerra do Afeganistão, os profissionais buscavam não apenas reportar e sim contextualizar ao máximo; e na Guerra do Iraque, quando houve um elevado número de mortes de jornalistas, constatou-se diminuição do número de equipes e de equipamentos.

Na recente cobertura da guerra entre Ucrânia e Rússia, permanecem os aspectos tecnológicos como transmissões ao vivo, uso da internet e de celulares. Se olharmos para o conteúdo, notam-se a crítica à guerra e o destaque para o drama dos refugiados civis. Importante destacar que neste conflito, veículos russos como a emissora RT e as agências Ruptly e Ria Novosti foram banidos da plataforma estadunidense YouTube em represália à invasão russa. Ainda que possamos fazer críticas ao conteúdo de tais veículos ou mesmo de acusá-los de propaganda, a interdição de suas narrativas desequilibrou os debates sobre a guerra. As guerras contemporâneas não ocorrem somente no campo de batalha, são travadas também no campo virtual (midiático). As estratégias de combate são fundamentais no campo de batalha assim como as estratégias de comunicação servem ao estímulo do sentimento de patriotismo e para mobilizar apoios da sociedade. Servem para justificar determinados ataques e fazer campanhas diante da opinião pública (ARAÚJO NETO, 2005; PEREIRA, 2005).

4. Análise do Jornal Nacional

As edições do Jornal Nacional têm aproximadamente 50 minutos, e o programa vai ao ar de segunda-feira a sábado, das 20h30 às 21h15, o chamado "horário nobre" da TV. A estrutura do telejornal é composta por blocos em que são distribuídos em escalada⁷, reportagens, notas⁸, entradas ao vivo (como a previsão do tempo, por exemplo). O objeto de nossa análise serão as 26 edições do noticiário, exibidas no período de 24 de fevereiro a 25 de março de 2022. Vamos observar a estrutura e o espaço ocupado pela cobertura da guerra no universo de 314 reportagens exibidas, a fim e entender a "narrativa" criada durante este primeiro mês do conflito.

Como visto anteriormente, o início oficial da guerra foi determinado pela data da invasão russa ao território ucraniano, embora os dois países já vivenciassem uma relação tensa desde a deposição do presidente pró-Rússia Viktor Yanukovich, após uma série de protestos. Em 2014, o presidente russo Vladimir Putin anexou a região da Crimeia, na Ucrânia, sob a justificativa de protegê-la de extremistas, que estariam ameaçando o direito de ucranianos falarem russo. Tanto Ucrânia quanto Rússia fizeram parte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e, desde a sua queda, em 1991, a Ucrânia declarou independência.

Mesmo Rússia e Ucrânia sendo os principais atores do conflito, a guerra desencadeou movimentos de países não-envolvidos diretamente na questão territorial, mas interessados em nos desdobramentos econômicos e políticos, como Estados Unidos e nações europeias. Ainda em 2021, o presidente dos Estados Unidos Joe Biden, ameaçava Putin com sanções econômicas caso o país invadisse a Ucrânia (APARECIDO; AGUILAR, 2022).

A cobertura da guerra pelo Jornal Nacional ocupou boa parte do noticiário durante o primeiro mês do conflito. Das 314 reportagens sobre o tema no período, 191 delas (mais da metade) foram sobre a guerra diretamente, as consequências do confronto, a posição das potências e as sanções impostas pelos governos à Rússia. Cotidianamente, o JN se ocupa mais do noticiário nacional, contudo, o conflito foi bastante retratado pelo telejornal, o que é completamente esperado dado os países envolvidos direta ou indiretamente e a intensidade, imprevisibilidade, amplitude do

⁷ A escalada é composta pelas manchetes ou destaques da edição.

⁸ As notas são uma forma de transmitir uma notícia sem a presença de repórter. Em geral, são mais curtas do que uma reportagem. As notas podem conter imagens ou algum elemento gráfico acompanhando o texto.

fato e por se tratar de um conflito de natureza negativa relativa a pessoas de elite (GALTUNG; RUGE, 1999).

No gráfico abaixo, mostramos em azul claro a quantidade total de matérias, manchetes nas escaladas, notas e entradas ao vivo do noticiário no primeiro mês, a partir da invasão da Ucrânia. A barra em azul escuro representa quanto do total se referia à guerra entre Ucrânia e Rússia. A análise do gráfico permite visualizar como o fato mobilizou a produção do telejornal ao longo de 30 dias, em detrimento de outras pautas.

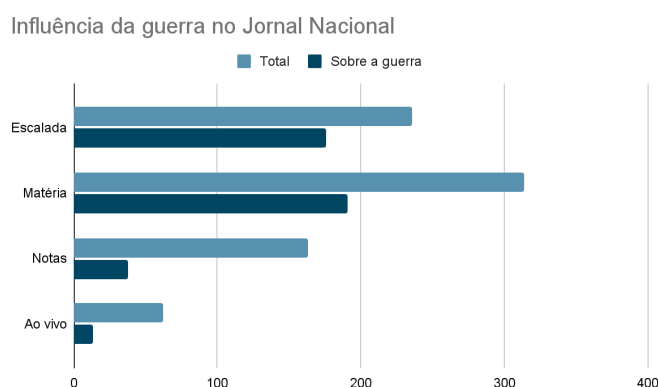


Gráfico 1 – Cobertura da guerra X Cobertura cotidiana

Como é possível observar, mais da metade das manchetes da escalada foram sobre assuntos relacionados direta ou indiretamente à guerra. Além disso, mais da metade das reportagens, com duração entre 3 e 7 minutos, traziam informações sobre o confronto. Em compensação, o número de notas e de entradas ao vivo foi mais baixo. Isto ocorreu porque, como será abordado adiante, as entradas ao vivo com correspondentes foram mais utilizadas na primeira semana, depois as únicas duas entradas ao vivo regulares foram o Boletim da Covid-19 e a previsão do tempo. Analisando o conteúdo das edições, é possível observar que, em função da cobertura da guerra, as notícias não relacionadas ao tema perderam espaço e foram transmitidas em notas, sobretudo no início do conflito.

Na tabela abaixo, observamos numericamente a composição do noticiário em cada uma das edições.

Edições	Escalada	Notas	Matérias	Ao vivo	
24/02	11	11	15	3	No total

	11	4	13	2	Sobre guerra	a
25/02	18	5	17	3	No total	
	17	2	16	2	Sobre guerra	a
26/02	13	5	12	4	No total	
	13	3	11	2	Sobre guerra	a
28/02	13	3	12	4	No total	
	13	1	11	2	Sobre guerra	a
01/03	14	2	10	4	No total	
	14	2	9	2	Sobre guerra	a
02/03	11	4	11	3	No total	
	11	2	11	1	Sobre guerra	a
03/03	6	10	12	2	No total	
	5	4	10	0	Sobre guerra	a
04/03	11	6	8	2	No total	
	9	1	7	0	Sobre guerra	a
05/03	8	3	12	2	No total	
	8	2	9	0	Sobre guerra	a
07/03	9	4	12	2	No total	
	8	2	7	0	Sobre guerra	a
08/03	7	3	12	2	No total	
	4	1	6	0	Sobre	a

					guerra
09/03	10	6	11	2	No total
	6	1	6	0	Sobre guerra a
10/03	8	5	14	2	No total
	6	0	7	0	Sobre guerra a
11/03	10	3	14	2	No total
	7	0	6	0	Sobre guerra a
12/03	7	3	13	2	No total
	4	1	7	0	Sobre guerra a
14/03	6	11	12	2	No total
	4	4	4	0	Sobre guerra a
15/03	7	5	12	2	No total
	5	0	8	0	Sobre guerra a
16/03	8	12	11	2	No total
	6	1	5	0	Sobre guerra a
17/03	9	5	12	2	No total
	3	0	5	0	Sobre guerra a
18/03	6	7	13	2	No total
	3	3	7	0	Sobre guerra a
19/03	8	7	14	2	No total
	4	2	6	0	Sobre guerra a

21/03	9	5	14	2	No total
	4	1	4	0	Sobre a guerra
22/03	7	10	10	3	No total
	3	0	4	0	Sobre a guerra
23/03	8	5	14	2	No total
	1	0	5	0	Sobre a guerra
24/03	4	14	5	1	No total
	2	1	3	0	Sobre a guerra
25/03	8	9	12	3	No total
	2	0	4	0	Sobre a guerra

Tabela 1 – Cobertura da guerra X demais coberturas

Entre o primeiro dia (24/2) e o 12º dia de conflito (7/3), há uma constância na relação entre os números. Nestes 12 dias, é possível ver que a proporção de reportagens sobre a guerra e as demais se manteve estável. Ou seja, o foco no conflito tomou conta de praticamente todo o Jornal Nacional. A partir daí, é possível perceber uma queda, relativamente lenta, desta relação, mostrando que a guerra voltou a dividir espaço com notícias do dia a dia.

No primeiro dia do conflito, a escalada do JN foi totalmente dedicada à guerra, todas as 11 manchetes estavam relacionadas ao conflito. As notícias que envolviam o Brasil estavam ligadas aos brasileiros presos no meio do conflito bélico, a declaração do Itamaraty de que não teria como resgatá-los, e a falta de posicionamento oficial do país em relação ao confronto. A centralidade do noticiário de guerra se repetiu durante toda a primeira semana do conflito.

Em virtude da pandemia de Covid-19, o Jornal Nacional não deixou de trazer ao vivo as informações atualizadas sobre os casos da doença e a vacinação no país.

Ou seja, por mais que a guerra seja algo com grande noticiabilidade, outros assuntos são igualmente importantes quando impactam diretamente o público-alvo do telejornal. As demais notícias que não abordavam a guerra e falavam sobre o Brasil eram de caráter emergencial ou de serviço público – aumento de preços, inflação, impostos, deslizamento em Petrópolis, na Região Serrana do Rio, e morte de famosos são alguns exemplos.

Nos primeiros dias da guerra, o telejornal fez associações entre o conflito e a Guerra Fria, protagonizada pelos Estados Unidos e pela antiga União Soviética, da qual a Rússia fazia parte. No dia 24 de fevereiro, o apresentador anunciou:

O mundo está prestes a completar as 24 horas mais tensas do século XXI entre as potências nucleares que no século passado protagonizaram a chamada Guerra Fria. A rigor, desde o fim da União Soviética há mais de 30 anos, russos e americanos não impunham uns aos outros um clima bélico desta magnitude.

Mesmo que o conflito não seja diretamente entre Rússia e Estados Unidos, frases como "O presidente da Rússia faz o que os Estados Unidos avisaram que ele faria e o que ele negava que fosse fazer" e "O presidente americano Joe Biden reitera que Putin planejava o ataque há meses e acusa o presidente russo de querer restabelecer a antiga União Soviética" foram ditas pelo âncora do Jornal Nacional, William Bonner, nas edições dos dias 24 e 25 de fevereiro (primeiros dias). Em uma matéria, do dia 1º de março, o jornalista diz: "De um lado e do outro da guerra de palavras estão os líderes que controlam os 'botões vermelhos', o poder sobre a maior parte do arsenal nuclear mundial", para se referir a troca de discursos entre Rússia e Estados Unidos.

A opinião de muitos países que estão relativamente envolvidos se tornou notícia, porém a posição dos Estados Unidos e os comentários do presidente Biden sempre tiveram mais aparições. Enquanto as sanções impostas pelos Estados Unidos tiveram matérias e reportagens de aproximadamente 5 minutos, as sanções impostas por outros países foram noticiadas conjuntamente. A visão ocidental foi a base de muitas das matérias. A opinião de países como China, Índia e principalmente a própria Rússia, por exemplo, na maioria das vezes não foi colocada, e quando isto ocorria, muitas vezes, era retratada em tom crítico. A opinião de países europeus, dos Estados Unidos, do Brasil, além de organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização do

Tratado do Atlântico Norte (OTAN) exemplificam como o conflito ganhou contornos globais. A cobertura do Jornal Nacional trouxe uma abordagem em sintonia com a visão de países ocidentais da Europa e os Estados Unidos. Sempre que havia uma fala de Putin, havia o contraponto de um país ocidental, não necessariamente a Ucrânia.

Um aspecto importante de ressaltar é a amplitude dos assuntos abordados na cobertura do conflito, com pautas sobre economia, política e esportes. Isto mostra que a guerra tem um amplo impacto em âmbito mundial e afeta diversas áreas e relações internacionais, ou seja, o trabalho dos correspondentes e da editoria internacional é mais abrangente e mostra que os repórteres devem saber um pouco de tudo. O Jornal Nacional trouxe em sua cobertura os impactos econômicos, desdobramentos do confronto nos Jogos Paralímpicos, resposta para a guerra nas artes e como o governo brasileiro foi impactado, por exemplo.

A tecnologia, seja internet ou aparelhos celulares, ajudou a trazer o ponto de vista de civis brasileiros ou estrangeiros, uma vez que a zona de guerra era de difícil acesso. Imagens gravadas em esconderijos dos brasileiros que estavam em Kiev, por exemplo, foram feitas pelas próprias pessoas que estavam lá escondidas. Equipamentos tecnológicos também ajudaram muito aos repórteres a realizarem entrevistas mesmo que não estivessem no mesmo local, e com isto tivemos a visão de quem estava vivenciando esta situação complexa e perigosa. O Grupo Globo conseguiu enviar alguns repórteres especiais que trouxeram entrevistas, informações e realizaram matérias sobre os refugiados e a situação que encontraram na fronteira. Além disso, foi possível observar que o Jornal Nacional utilizou os correspondentes que têm ao redor do mundo para entradas ao vivo e reportagens mais específicas⁹.

Para Traquina (2005), quando o emissário consegue estar no local do conflito, ele ordena melhor as informações, além de ter maior noção do que é mais relevante sobre o conflito. Isto ocorre porque ele sente o clima do acontecimento, é capaz de conversar pessoalmente com muitos envolvidos. O fato de o Jornal Nacional ter enviados especiais nas proximidades do conflito propicia uma visão mais presente das consequências do conflito.

⁹Enviados especiais e alguns correspondentes: Rodrigo Carvalho, Ernani Lemos, Ross Salinas, Bianca Rothier, Daniel Peralta, Pedro Vedova e Jamil Chade. Repórter dentro de Kiev: Gabriel Chaim.

As notícias sobre a guerra foram complementadas pela ajuda do fotógrafo e jornalista freelancer Gabriel Chaim, que estava em Kiev, capital da Ucrânia, e apresentou atualizações sobre os acontecimentos na capital para o telejornal. O jornalista conseguiu um tradutor no país e produziu algumas reportagens sobre assuntos diversos: os bombardeios, a situação da cidade, a destruição, a fuga dos cidadãos, entre outros aspectos que foram considerados relevantes para a população. O Jornal Nacional aproveitou, desde o primeiro dia, as reportagens realizadas pelo jornalista e pelo menos uma matéria de Chaim era transmitida em cada edição. Além disso, Chaim evidencia a transformação do jornalismo ao longo dos anos com o surgimento do profissional multitarefas. O fotógrafo faz o papel de editor, repórter, cinegrafista para suprir a demanda de informações no telejornal (LAGE, 2001).

No primeiro dia, enquanto os enviados especiais ainda não tinham chegado aos locais designados, foram utilizadas entrevistas on-line e imagens produzidas pela população. Além disso, os correspondentes¹⁰ internacionais foram acionados e repórteres em Roma, Genebra (Suíça), Buenos Aires (Argentina), Paris (França), Washington (EUA), Nova York (EUA) e Bruxelas (Bélgica), por exemplo, fizeram reportagens e entradas ao vivo. Os profissionais que estavam mais perto do local da guerra eram responsáveis por pautas sobre a questão dos refugiados e o controle territorial, já os que estavam mais distantes eram acionados para falar mais sobre os desdobramentos internacionais do conflito.

Além do ponto de vista dos repórteres, conteúdos que viralizaram na internet foram destacados na cobertura, como o caso do vídeo do tanque na edição de 25 de fevereiro. O episódio mostra que, muitas vezes, a urgência da exibição e a disputa pelo furo podem atropelar a informação correta. Durante a escalada, a âncora Renata Vasconcellos disse: "Na guerra da Ucrânia, uma covardia brutal, um tanque russo muda o percurso para esmagar um carro com um homem que tentava escapar dos invasores". A divulgação do vídeo foi alvo de uma retratação da emissora quase um mês depois, em 21 de março, pois o fato não havia sido devidamente esclarecido por causa da fragilidade das informações disponíveis. Além disso, vídeos na internet afirmavam que não se tratava de um ataque russo, mas, sim, de um veículo ucraniano desgovernado. Durante o período analisado, o telejornal procurou evidenciar versões divergentes dos governos russo e ucraniano,

¹⁰Locais onde os correspondentes e os enviados internacionais estavam: Lisboa (Portugal), Londres (Inglaterra), Medyka (Polônia), Bruxelas (Bélgica), Nova York (EUA), Paris (França), Washington (EUA), Roma (Itália), Genebra (Suíça), Breslávia (Polônia), Buenos Aires (Argentina), Kiev (Ucrânia).

o que comprova a ideia de que uma guerra se desdobra não apenas em territórios físicos, mas também dentro da comunicação como afirmamos anteriormente. Tal fato mostra a importância de ter um jornalista no local ou o mais próximo possível para tentar trazer, da melhor forma possível, o que está acontecendo no campo de batalha (BRITTO, 2003; PEREIRA, 2005).

No período analisado, o telejornal optou por construir uma espécie de linha do tempo, contando o conflito dia a dia. Porém, esta estratégia narrativa começou a ser mais esporádica a partir do 15º dia de conflito. Podemos considerar que este fato está relacionado ao destaque da guerra, que foi caindo no decorrer das edições. Como é possível ver no gráfico abaixo, a diferença e a distância entre o total de reportagens referentes à guerra no telejornal começaram a diminuir. Na primeira semana, 84,13% das matérias tinham relação com a guerra, enquanto isto caiu para 32,93% na penúltima semana e, finalmente, nos últimos dois dias da análise, chegou a 21,43%.

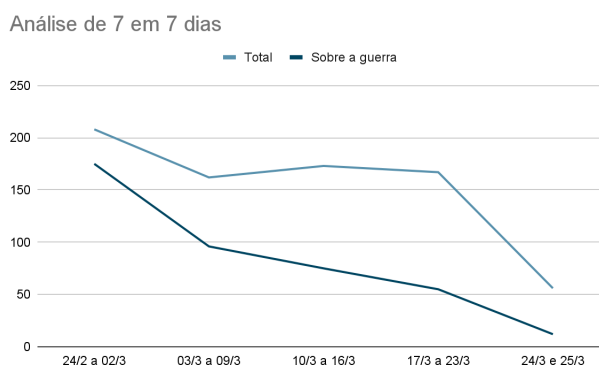


Gráfico 2 – Espaço ocupado pela cobertura da guerra no JN

O gráfico mostra que mesmo a guerra tendo alto valor-notícia, quanto mais o conflito se estende menos valor-notícia passa a ter, ou seja, passa a ser fato corriqueiro e perde o caráter de excepcionalidade.

5. Considerações Finais

A proposta deste artigo foi analisar a cobertura do Jornal Nacional durante o primeiro mês da guerra entre Rússia e Ucrânia. O JN foi escolhido exatamente pelo alcance e por registrar maior audiência em comparação com os outros telejornais. Nossa análise englobou 26 edições do noticiário, destacando 191 reportagens sobre o conflito veiculadas no período, a fim de entender a estrutura e a organização do telejornal, ou seja, como essa cobertura mobilizou profissionais e programa e que leitura da guerra pôde ser depreendida a partir do que foi veiculado.

Na primeira parte, buscamos discutir o processo de construção da notícia utilizando como referencial teórico os conceitos de critério de noticiabilidade e valor-notícia trazidos por Nelson Traquina (2005). Em seguida, analisamos, a partir da contribuição pioneira de Galtung e Ruge (1999), o jornalismo internacional. Também discutimos os conceitos de objetividade e imparcialidade em Nilson Lage (2001) para pensarmos o trabalho jornalístico durante uma guerra. Por último, analisamos a construção das notícias sobre o conflito no Jornal Nacional.

Concluímos que a guerra tem um alto grau de noticiabilidade, por ser um combate imprevisível, com envolvimento de atores não participantes diretamente da disputa territorial, e, por isso, ganha notabilidade e relevância com consequências que afetam o mundo inteiro (GALTUNG; RUGE, 1999; TRAQUINA, 2005). Contudo, o imediatismo e a velocidade de espalhamento das informações tornam as notícias mais voláteis, isto é, mesmo um tema como a guerra perde o seu valor-notícia com rapidez, como ficou demonstrado no gráfico 2, que evidenciou a queda de espaço ocupado pelo confronto no final do primeiro mês.

Observamos ainda que, assim como ocorreu nas guerras do Golfo, Afeganistão e Iraque, o desenvolvimento tecnológico ajudou o JN a vencer algumas dificuldades inerentes à cobertura de um conflito bélico para mostrar com mais eficiência o desenrolar dos fatos, seja com entrevistas ou com imagens produzidas pela população. A presença de jornalistas próximos ao local também fez diferença na cobertura, trazendo um lado mais humano, colocando na tela a realidade de quem sofre com a guerra (LAGE, 2001). A internet e as redes sociais impactaram a cobertura positiva e negativamente. Elas adaptaram a abordagem de determinados temas, muitos casos só viraram notícia porque viralizaram na web (CASTRO, 2006).

Destacamos, por fim, que predominou uma visão ocidental do confronto, não somente porque os profissionais envolvidos na cobertura ficaram baseados em países ocidentais, mas também porque as vozes predominantes nas reportagens, além dos dois países diretamente envolvidos, eram dos Estados Unidos, de países europeus e de organismos internacionais como a OTAN.

6. Referências bibliográficas

- AGNEZ, Luciana; MOURA, Dione. Perfil profissional dos correspondentes internacionais brasileiros. Revista Famecos Mídia, Cultura e Tecnologia, Porto Alegre, v. 22, n. 3, jul./ago./set. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/19430>. Acesso em: 5 dez. 2022.
- ALMEIDA, Isaac, L. de. O jornalismo e a verdade: relações da prática jornalística com a ideia filosófica de verdade. Intercom Nordeste, GT de Jornalismo, IX Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste – Salvador – BA, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0307-1.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2022.
- ALMEIDA, Bruna Andrade. Seleção da Notícia: Sistematizando Critérios. III Interprogramas, XVI Secomunica, Diversidade e Adversidades: O Incomum na Comunicação - Brasília - DF, 2017. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/AIS/article/view/9192> Acesso em: 18 nov. 2022.
- APARECIDO, Julia Mori; AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. A Guerra entre a Rússia e a Ucrânia. In: AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz (Ed.). Série Conflitos Internacionais, v. 9, n. 1. Marília: fev. 2022. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/v.-9-n.-1fev.-2022.pdf> Acesso em: 6 dez. 2022.
- ARAÚJO NETO, Antônio Martins. O jornalismo na Guerra do Iraque: a relação entre jornalistas, militares na era dos repórteres embutidos. Intercom, XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Uerj, 2005. Disponível em: <https://www.aeso.br/adm/noticia/arquivo/57.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2022.
- ARNETT, P. Ao vivo do campo de batalha: do Vietnã a Bagdá, 35 anos em zonas de combate de todo mundo. [s.l.] Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- BORGES, Lorena A. de Oliveira. Entre a informação e a censura no front: a guerra perdida dos correspondentes. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Informação e Comunicação, 2005, Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/4141> Acesso em: 3 dez. 2022.
- BRITTO, Denise Fernandes. O papel do correspondente internacional na editoria exterior. Intercom, Sessão de Temas Livres, UNESP, 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/53839095583440982036530148915888169975.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2022

CASTRO, Renata. Jornalismo Internacional: a mudança na editoria inter nos últimos 50 anos. Monografia de conclusão de curso, Rio de Janeiro, UFRJ/ECO, 2006.

Disponível em: pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1491/3/RMMCastro.pdf. Acesso em: 6 dez. 2022.

EDDY, Kirsten; FLETCHER, Richard. Perceptions of media coverage of the war in Ukraine. Reuters Institute, 15 jun. 2022. Disponível em:

<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/perceptions-media-coverage-war-Ukraine>. Acesso em: 15 nov. 2022

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação da crise do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). Jornalismo: questões, teorias e "Estórias". Lisboa, Portugal: Veja, 1999.

GANS, H. Deciding what's news. A study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time. Nova Iorque: Pantheon Books, 1979. Disponível em:

<https://library.uniteddiversity.coop/Media and Free Culture/Deciding Whats News-A Study of CBS Evening News NBC Nightly News Newsweek and Time.pdf>.

Acesso: 13 nov. 2022.

JOHNSON, Telma Sueli Pinto. Entre hard e soft news: explorando modelos de personalização de notícias em plataformas sociais. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 9, n. 2, 2015.

Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21218/11539>. Acesso em: 6 dez. 2022.

LAGE, Nilson. Teoria e Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística.

Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Teterep-1.pdf>> Acesso em: 6 dez. 2022.

NEWMAN, Nic. Overview and key findings of the 2022. Digital News Report. Reuters Institute, 15 jun. 2022. Disponível em:

<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/dnr-executive-summary> Acesso em: 10 nov. 2022

PEREIRA, Cristiane. A cobertura jornalística da Guerra do Iraque nos jornais Folha de São Paulo (Brasil) e El País (Espanha). V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Urcamp, 2005. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/81153413186829871257961996885657848262.pdf> Acesso em: 6 dez. 2022

SÁ, Maria Adísia Barros de. Imparcialidade jornalística: do mito à realidade. Revista de Comunicação Social, Fortaleza, v. 10, n.1/ 2, p. 3-10, 1980.

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/50844/1/1980_art_mabsa.pdf. Acesso em: 7 nov. 2022

SILVA, Igor M. F. F. L. Enquadramentos de guerra: A cobertura do recente conflito no Iraque em dois jornais brasileiros. Dissertação apresentada à Faculdade de Comunicação como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação, 2006, UnB. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/2550> Acesso em: 6 dez. 2022.

SOUZA, Luana. Pesquisas sobre o Jornal Nacional: breve panorama dos últimos 10 anos. Temática, Ano XIV, n.8 Agosto/2018. NAMID/UFPB. Disponível em:

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>. Acesso em: 4 dez. 2022

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística: Uma Comunidade Interpretativa Transnacional. Vol. 2, Florianópolis, SC, Insular, 2005.